
3 HISTÓRIA, GENEALOGIA E LITERATURA MENOR: SAMBA COMO UM CANTO DISSIDENTE

Thalita Farias Oliveira

Bacharela em Enfermagem e Obstetrícia (UFES) e especialista em Saúde Coletiva (ICEPI-ES)

E-mail: thalitafarias95@outlook.com

Wesley de Jesus Barbosa

Licenciado em História e Bacharel em Psicologia pela UFES. Mestre em Filosofia (PPGFIL-UFES). Doutorando em Filosofia (PPGFIL-UFES) e doutorando em Psicologia (PPGP-UFF).

E-mail: wesleydejesusbarbosa1980@gmail.com

RESUMO

O artigo busca demonstrar como os sambas enredos podem ser bem acomodados no conceito de literatura menor. Para verificar a hipótese investigativa, faremos, primeiramente, uma discussão sobre genealogia e História a partir dos apontamentos de Michel Foucault. Em seguida, partiremos para uma definição, sempre provisória, de literatura menor e o seu caráter desterritorializador e rebelde. Por fim, realizaremos a análise de alguns sambas enredos para justificar o argumento.

Palavras-chaves: Samba. Literatura menor. Genealogia e história.

ABSTRACT

The article seeks to demonstrate how sambas can be well accommodated in the concept of minor literature. To verify the investigative hypothesis, we will first make a discussion about genealogy and History from Michel Foucault's notes. Then, we will start with a definition, always provisional, of minor literature and its deterritorializing and rebellious character. Finally, we will carry out the analysis of some sambas plots to justify the argument.

Keywords: Samba. Minor literature. Genealogy and history.

3.1 GENEALOGIA E HISTÓRIAS

A genealogia tem o martelo capaz de destruir os grilhões que aprisionam a história. As correntes de um certo pretensiosismo histórico como se o real fosse palatável a qualquer olhar mais descomprometido, e não uma impossibilidade de apreensão do real em sua totalidade; a desonestidade intelectual em atribuir a si, lá com os positivistas, os portadores da verdade e, depois, com outros, mais maleáveis e heterodoxos, a ambição sobre a fidedignidade do fato mesmo, apesar de noções de recorte temporal, escolhas dos documentos a serem analisados e linearidade a serem relativizados; a arrogância e o tom de superioridade dos especialistas em História; enfim, a história é uma quimera sobre as vestes luminosas da fantasia da objetividade.

A genealogia seria, pois, relativamente ao projeto de uma inserção dos saberes na hierarquia do poder próprio da ciência, uma espécie de empreendimento para dessujeitar os saberes históricos e torná-los livres, isto é, capazes de oposição e de luta contra a coerção de um discurso teórico unitário, formal e científico (FOUCAULT, 2010, p. 11).

Longe da história do mundo, da história universal, da história geral, uma história menor, mais palpável, mais local, procuradora de questionamentos para a luta política das demandas de pessoas. Não é qualquer coisa restaurar a história dos candomblés da Bahia, de Cachoeirinha¹, como trivialidades curiosas, a genealogia dos terreiros é primordial para marcar, além da resistência cultural propriamente dita, a ancestralidade do povo negro, devolvendo a eles a História que lhes foi silenciada, amordaçada. “A reativação dos saberes locais – ‘menores’, talvez dissesse Deleuze - contra a hierarquização científica do conhecimento e seus efeitos de poder intrínsecos, esse é o projeto dessas genealogias em desordem e picadinhas” (FOUCAULT, 2010, p. 11). O próprio historiador teme pela opção de um discurso histórico “menor”, porque nesta menoridade poderia não haver nenhuma eloquência que o elevasse ao trono da soberba. Os historiadores gostam do poder e não trabalham na sua formulação e desenvolvimento, como justificação do Estado como tal, - despótico, absoluto, democrático, Iluminista -, porque são obrigados a traçar estas linhas lineares como um fardo. Ao justificar o poder pela narrativa, o historiador se insere na História, não como anônimo, mas como protagonista e propagandista da efetivação do Estado: o historiador imbuído da História requer para si o poder.

¹ Ver PARES, Luis Nicolau. **A formação do Candomblé: história e ritual da nação Jeje na Bahia**. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2007.

Parece-me que se pode dizer - de uma maneira talvez um tanto apressada ou esquemática, mas em suma bastante justa quanto ao essencial - que o discurso histórico, o discurso dos historiadores, essa prática que consiste em narrar a história permaneceu por muito tempo o que ela era decerto na Antiguidade e o que era ainda na Idade Média: ela permaneceu por muito tempo aparentada com os rituais de poder. Parece-me que se pode compreender o discurso do historiador como uma espécie de cerimônia, falada ou escrita, que deve produzir na realidade uma justificação do poder e, ao mesmo tempo, um fortalecimento desse poder. Parece-me também que a função tradicional da história, desde os primeiros analistas romanos até tarde na Idade Média, e talvez no século XVII e mais tardiamente ainda, foi a de expressar o direito do poder e de intensificar seu brilho (FOUCAULT, 2010, p. 55).

O pensamento opositor é reativo, produto de dois milênios de moral judaico cristã, se considerarmos o seu trabalho catequético desde o seu endosso mais salutar no platonismo-socratismo. Neste sentido, qualquer maniqueísmo subjacente é redutor e, portanto, falsificador de uma análise, no mínimo, honesta. A genealogia não se opõe a História, como se esta fosse uma veleidade do niilismo moderno que tem como seu maior representante a ciência. A História é mais longa e tem mais sustentáculos que os apetites de uma vontade de verdade como teleologia. Desde Heródoto e o canto dos Aedos, que a História revigora o sentido humano como genealogia dos heróis gregos e da superpotência dos deuses. A partir de um determinado momento ela perdeu o seu tom artístico, bastaria recuperar isto, que nunca foi perdido, efetivamente!

A genealogia não se opõe à história como a visão ativa e profunda do filósofo ao olhar de toupeira do cientista; ela se opõe, ao contrário, ao desdobramento meta-histórico das significações ideais e das indefinidas teleologias. Ela se opõe à pesquisa da “origem” (FOUCAULT, 2004, p. 37).

Na origem existe o nada. O mito da origem é uma invenção cristã, ao menos no ocidente, como narrativa incrustada no imaginário, mesmo dos ateus, de um Gênesis como momento da criação. “A objetividade do historiador é a interspersão das relações do querer no saber e é ao mesmo tempo a crença necessária na Providência, nas causas finais, e na teologia. O historiador pertence à família dos ascetas” (FOUCAULT, 2004, p. 56). Quando o niilismo cristão é substituído pelo niilismo moderno científico, o método como máquina de escavar sentido, requereu, mais uma vez, um retorno às origens. Ou como investigação das causas, sempre causais, *ad infinitum*, ou como causalidade como ir ao fundo das coisas, para habitar nesta região tranquila e calma, da causa primeira, no furo originário que, indelevelmente, formou tudo. “O genealogista necessita da história para conjurar a quimera da origem, um pouco como o bom filósofo necessita do médico para conjurar a sombra da alma” (FOUCAULT, 2004, p. 43). Esta origem é uma ficção criada pelos cansados da vida, como se lá pudessem não mais ter

que ser desafiados o tempo todo para continuar vivos, numa guerra perpétua, sem razão ou sentido, em direção ao túmulo.

Por que Nietzsche genealogista recusa, pelo menos em certas ocasiões, a pesquisa da origem (*Ursprung*)? Porque, primeiramente, a pesquisa, nesse sentido, se esforça para recolher nela a essência exata da coisa, sua mais pura possibilidade, sua identidade cuidadosamente recolhida em si mesma, sua forma imóvel e anterior a tudo o que é externo, acidental, sucessivo. (FOUCAULT, 2004, p. 41).

Por trás das coisas não existe uma essência, como se o real factual fosse um simulacro do mundo das ideias. O real é enquanto tal, numa perspectiva sempre provisória de sua apreensão, porque ao não absolutizarmos conseguimos modificá-lo, transformá-lo, mas não no sentido de progresso. Mais como arranjo de forças que no campo de disputa apresenta soluções éticas para um convívio melhor. “As forças que se encontram em jogo na história não obedecem nem a uma destinação, nem a uma mecânica, mas ao acaso da luta” (FOUCAULT, 2004, p. 53).

Assim, é neste ambiente beligerante que a verdade se constitui, e neste mesmo contexto, que ela é desintegrada como vontade de poder submetida por outra força mais destemida. A isto não cabem atribuições de culpa, ressentimento, vergonha, é na luta que as ações são tomadas, por isto a jovialidade do cavaleiro de elevada estirpe senhorial, a besta loura como veículo de seu corpo, todo agir, todo fazer, sem tempo para mesquinhas mentalizações envenenadoras de uma moral decadente. “[...] atrás da verdade sempre recente, avara e comedida, existe a proliferação milenar dos erros” (FOUCAULT, 2004, p. 42). Ou seja, não sabemos antes sobre o real e, menos ainda, sobre o real em si, é no instante da experiência vivida que o real se descortina como realidade. A história não é algo que aconteceu de uma vez por todas, ela é um interpretar, um debruçar-se demoradamente sobre os documentos, dando as nuances e tons de uma época no intuito de reforçar as lutas do presente.

Fazer a genealogia dos valores, da moral, do ascetismo, do conhecimento não será, portanto, partir em busca de sua “origem”, negligenciando como inacessíveis todos os episódios da história; será, ao contrário, se demorar nas meticulosidades e nos acasos dos começos; prestar uma atenção escrupulosa à sua derrisória maldade (FOUCAULT, 2004, p. 42).

A genealogia enquanto genealogia da moral enuncia uma história política, não dos grandes políticos, dos eventos super extraordinários, porém constrói uma história como denúncia de uma moral castradora. Uma história sem o seu delírio megalomaniaco das origens insofismáveis: uma história local, palpável.

Ora, se o genealogista tem o cuidado de escutar a história em vez de acreditar na metafísica, o que é que ele aprende? Que atrás das coisas há "algo inteiramente diferente": não seu segredo essencial e sem data, mas o segredo que elas são sem essência, ou que sua essência foi construída peça por peça a partir de figuras que lhe eram estranhas. A razão? Mas ela nasceu de uma maneira inteiramente "desrazoável" – do acaso (FOUCAULT, 2004, p. 41).

Genealogia como crítica aos conceitos morais, à metafísica, ao engodo essencialista, a verdade. Genealogia e história para a politização do naturalizado, como o uso sistemático do discurso científico para o desenvolvimento de uma tecnologia de poder para disciplinar e controlar corpos indisciplinados ou anormais e loucos. Deste modo, uma *História da Loucura*, desde os prisioneiros de sua própria partida, indesejados, convidados a ir de porto em porto, nas naus dos desvalidos, como uma impossibilidade de fixar-se, à Grande Interação e posterior abertura com Pinel, não é uma descrição pormenorizada, exata, dos sujeitos da desrazão, é, ao mesmo tempo, a crítica a uma construção filosófica de um modo de pensar, que, gradativamente, interna o louco, organizada com a exposição de uma série de eventos marcados temporalmente; outrossim, Foucault desenvolve outra linha do tempo desmascarando a arrogância universalista da história. "E a genealogia deve ser a sua história: história das morais, dos ideais, dos conceitos metafísicos, história do conceito de liberdade ou da vida ascética, como emergências de interpretações diferentes" (FOUCAULT, 2004, p. 50). Assim, parece ao leitor que história e filosofia não estão devidamente separados em Foucault. É porque essas dissenções são artificialismos Iluministas como se o real pudesse ser depurado semanticamente nos especialismos dos saberes. O descontínuo enquanto para(doxa) é saber, saber dos despossuídos, dos loucos, das mulheres, dos povos indígenas, dos povos africanos escravizados; tal saber surge na história grandiosa como um apêndice, uma *bobagenzinha* qualquer, como genealogia ganha protagonismo e força para exaltar sua luta.

A história será "efetiva" na medida em que ela reintroduzir o descontínuo em nosso próprio ser. Ela dividirá nossos sentimentos; dramatizará nossos instintos; multiplicará nosso corpo e o oporá a si mesmo. Ela não deixará nada abaixo de si que teria a tranquilidade asseguradora da vida ou da natureza; ela não se deixará levar por nenhuma obstinação muda em direção a um fim milenar (FOUCAULT, 2004, p. 52).

Mais uma vez, o determinismo dos otimistas esconde algo mais grave que a essência das coisas, por eles procurada como uma esperança arrebatadora. O acaso é a mais assustadora de todas as constatações humanas. Sem previsibilidade, o universo segue, sem nenhum controle humano, totalmente indiferente a quaisquer postulados e axiomas morais. Mesmo o primata mais desenvolvido e planejador é um mero brinquedo do acaso quando, por exemplo, o *crossing-over* reorganiza a aparelhagem cromossômica, não porque este ou aquele humano pudessem ser

beneficiados pela diversidade genética, mas porque o todo se beneficia; contudo, o rearranjo não é nem para melhor ou para pior, pois depende das condições do ambiente. A natureza não existe por causa da moral, ela existe como força pronta para destruir e construir, sem uma intenção original ou uma finalidade confortadora e sábia.

[...] o mundo da história ‘efetiva’ conhece apenas um único reino, onde não há nem providência, nem causa final, mas somente “as mãos de ferro da necessidade que sacode o copo de dados do acaso” (FOUCAULT, 2004, p. 53).

A força disruptiva de uma erupção vulcânica destrói, mas depois a vida se reconstrói. Entretanto, a vida que surgiu não fazia parte dos planos da erupção, aliás elas estavam em disputa e muitos devem ter morrido graças a vontade de poder do vulcão. Enquanto vontade, o poder atua para a sua expansão e domínio atuando na destruição de toda força contrária. As forças contrárias resistem para expansão de sua força. Nenhum poder é absoluto porque o poder é relacional, o poder sem resistência, não é poder, mas vácuo absoluto. “É preciso ainda compreender este acaso não como um simples sorteio, mas como o risco sempre renovado da vontade de potência que a todo surgimento do acaso opõe, para controlá-lo, o risco de um acaso ainda maior” (FOUCAULT, 2004, p. 53). Esta guerra é própria de todos os atributos da existência, desde o mundo mineral ao mundo animal, não existindo quaisquer seres, uma ameba que seja, que não esteja mergulhado neste caldo cósmico caótico. E a história não é diferente.

3.2 LITERATURA MENOR

Mesmo nesta língua maior se faz um uso rebelde dela, como a desmascará-la de sua hipocrisia e conivência com o mal. Para fazer emergir de dentro de sua gramática os axiomas de sua contradição humanitária genocida. Os árabes franceses, os mexicanos estadunidenses, os brasileiros portugueses, os haitianos brasileiros, os tunisianos italianos, os indianos ingleses, jogam com a língua, a misturam, a enegrecem, a significam de um outro jeito. “Levar lentamente, progressivamente, a língua para o deserto. Servir-se da sintaxe para gritar, dar ao grito uma sintaxe” (DELEUZE; GUATTARI, 2021, p. 52). Os negros brasileiros de hoje fazem um uso particular do português, marcam a língua com a sua presença. Desde a falta de concordância, não como erro, mas como modo do falar popular, e também, para os policiais da sintaxe, como denúncia de uma educação formal bastante tosca oferecida aos pobres e negros; às palavras genuinamente africanas ou afro brasileiras, como banto, acarajé, dendê, se tem um uso menor do lusitanismo como a desmascará-lo. “Mas o que é interessante, ainda, é a

possibilidade de fazer um uso menor de sua própria língua, supondo que seja única, que ela seja uma língua maior ou o tenha sido. Ser em sua própria língua como um estrangeiro [...]” (DELEUZE; GUATTARI, 2021, p. 52). É esse uso menor que o samba faz, inscrevendo-se como estrangeiro em sua língua, porque as marcas do racismo afastam o negro deste pertencimento pleno ao português.

Vem brilhar, um dom divino
Na regência de Ifá, nasce o filho do destino
E com a Ilha travessa o mar
O navio é negreiro, ô ô ô
E na vinda vem os orixás
Pra surgir nossos terreiros
Na cultura Yorubá nagô, ô ô
Se entrega por inteiro
E se sagrou babalaô
Homem branco feiticeiro (UNIÃO DA ILHA DO GOVERNADOR, 1998).

Machado de Assis escreveu numa língua maior, talvez no movimento do Romantismo para o Realismo, tenha feito um uso menor da língua. De qualquer modo, da língua maior algo resvala incontrolável como verborragia, grito, descontinuidades, falta de sentido, como a aloprar o rigorosismo dos acadêmicos. “Mesmo maior, uma língua é suscetível de um uso intensivo que a faz escoar seguindo linhas de fuga criadoras, e que, ainda que lento, cauteloso, forma uma desterritorialização absoluta, desta vez” (DELEUZE; GUATTARI, 2021, p. 52). A música do mesmo modo, mesmo grande tem o poder de desterritorializar, de promover agenciamentos, rompendo com o purismo metafísico de uma contemplação eminentemente passiva e transcendental. Lá na música erudita existem linhas de fuga como desajuste na engrenagem. “Ele [Céline] falava da ‘pequena música’. Kafka também, é a pequena música, uma outra, mas sempre sons desterritorializados, uma linguagem que escapa de ponta a cabeça virando cambalhota” (DELEUZE; GUATTARI, 2021, p. 53). Destes usos menores ou mesmo, sopros dissonantes, no hegemônico estabelecido, que procuramos nos sambas enredos, no sentido de enfatizar o seu conteúdo desterritorializante e rebelde. A partir do próximo tópico focaremos na análise de alguns sambas enredo para ajustar sua força como literatura menor.

3.3 LITERATURA MENOR E CARNAVALIZAÇÃO

Do batuque como musicalidade de terreiro às festividades de carnaval, há uma sintonia, simetria, conexão. A procissão carnavalesca, sem os Orixás e Voduns, propriamente ditos, ou sem ser com esta finalidade específica, avança os metros nunca sozinha, pois para os de fé toda

aquela beleza de carnaval foi abençoada, os atabaques tocaram e pais e mães de santo abençoaram o desfile; mas não só isto, mesmo quando a religiosidade não atravessa o observador ou o folião, está implícito naquele dizer, que se trata de uma multiplicidade étnica carregada de significados e sentidos, explícitos e sutis. E isso tudo não está dissociado, é uma profusão de fluxos, conexões, num turbilhão. O carnaval dá esse tom de carnavalização, isto é, de transgressão, mistura, multidão, intensidades, cores, sons, cheiros, desejos.

Ecoou
O som divino do folclore popular
Batam palmas o cortejo vai passar
É o "fervo" que desce a ladeira
O batuque levanta poeira... capoeira
Dita moda, faz inclusão
Recria uma nação... guerreira
Batuqueiro, arrasta multidões
Nos blocos e cordões
Do Jongo aos salões
Conquistou a nobreza, fez sua realeza
O primeiro Império da corte do samba
Meu Império celeiro de bambas (IMPÉRIO DA TIJUCA, 2014).

O amor é sempre um bom tema de carnaval, seja no seu sentido humanístico, caritativo, seja por seu conteúdo passional sensualístico. Mas a Imperatriz Leopoldinense no seu carnaval de 2015 trouxe o enredo *Axé Nkenda*. Nkenda significa amor no dialeto africano Kibundu. A temática do racismo mais uma vez tomando a cena como um grito de liberdade. Não é uma politização trivial do carnaval: por ter se formado como criação de uma determinada gente, numa determinada região do Rio, Gamboa, Cidade Nova, num contexto econômico e político precisos, que se sustenta o seu profícuo significado político. Neste samba a figura grandiloquente de Mandela aparece para mais uma vez ecoar seu grito de liberdade, a voz mais contundente a bradar contra o colonizador branco e racista.

“Mandela”! “Mandela”!
Num ritual de liberdade
Lá vem a Imperatriz!
Eu vou com ela
Eu sou “Madiba”!
Sou a voz da igualdade (IMPERATRIZ LEOPOLDINENSE, 2015).

O amor para exaltar a luta política dos povos pretos da África do Sul, mas também do mundo todo. Amor como denúncia de que o ódio, a escravização e desumanização, a matança, ganharam um sentido mais profundo quando os europeus avançaram sobre a África na transição econômica feudo capitalista. O problema da escravidão não é uma novidade quando a aurora da modernidade aponta seus primeiros sinais. As culturas antigas europeias, africanas, asiáticas

e americanas faziam uso da escravidão como recurso explorador. Contudo, o marcante racismo como destituição do outro como um não humano reduzido a categoria de mercadoria é algo eminentemente moderno. A escravidão por guerra aviltava o povo derrotado submetendo-o a seus desígnios, porém o vencedor sabia das habilidades do povo submetido e trabalhava para conter a sua capacidade de combate e treinamento, assim como seus movimentos articuladores em termos de acordos políticos e alianças militares, caso contrário o submetido seria ele. A pessoa escravizada obedecia aos anseios da roda da fortuna, tudo poderia mudar! Mas a escravização moderna tem esse sentido do racismo colocado como primordial na engrenagem da máquina. E no dezenove, quando supúnhamos um Período Colonial deveras violento, racista e espoliador, superado, outros modelos de exploração desenvolvem-se, agudizando o racismo, dando-lhe uma roupagem científica com o Darwinismo Social de um Spencer da vida, e a craniometria, além do discurso civilizacionalista cristão, no Neocolonialismo. As barbaridades mais horrendas se deram desde àquela fatídica Conferência de Berlim! Todavia, sem querer enumerar todos os crimes perpetrados contra os povos africanos, só no século XIX e XX, pois não é objetivo do trabalho, recuperemos o que há de mais asqueroso no *Apartheid* sul africano, Nelson Mandela como o seu opositor mais categórico. Carnaval de escolas de samba é lembrar esses acontecimentos como a construir memória e educar o seu povo sobre a luta pela liberdade. “Liberdade!/Sagrada busca por justiça e igualdade/E com a arte eu semeio a verdade/O despertar para um novo amanhecer/Faço brotar a força da esperança/Deixo de herança um novo jeito de viver” (IMPERATRIZ LEOPOLDINENSE, 2015). Mas este continente imenso deu origem a vida, Lucy. A vida pulula numa diversidade sacralizada pelas culturas religiosas africanas, o baobá como árvore ancestral, gigantesca, poderosa, milenar. O símbolo forte de mãe África.

Foi um grito que ecoou,
“Axé-nkenda”!
A luz dentro de você... Acenda!
Nada é maior que o amor, entenda
A voz do vento vem pra nos contar
Que na mãe África nasceu a vida
Pura magia, “baobá” abençoado (IMPERATRIZ LEOPOLDINENSE, 2015).

Culto da natureza numa relação que não submete a biodiversidade a partir de uma lógica de controle econômico. Nem como uma manobra do pensamento erudito filosófico intelectual para justificar sua superioridade aos ecossistemas da Terra. A relação do europeu com o mundo é predatória, eminentemente. Outras culturas observam o algo de extraordinário e poderoso que existe nos trovões, no mar, nos furacões; o sentido da terra que dá os frutos, a destreza dos

animais, tudo devidamente organizado. Essa comunhão foi quebrada, em algum momento, e o africano escravizado. O antiquíssimo mundo foi submetido, saqueado, predado.

Tanta riqueza no triângulo sagrado
Mistérios! Grandeza!
O homem em comunhão com a natureza!
Tristeza e dor
Na violência pelas mãos do invasor
E o mar levou
Nossa cultura um novo mundo encontrou (IMPERATRIZ LEOPOLDINENSE, 2015).

Em terras tupiniquins, diante de toda dor, agregam valores, produzem uma cultura, resistem afirmando-se como cultura, como criação e invenção. O olhar desumanizador do português impedia ver a emergência de uma multiplicidade cultural, religiosa, gastronômica, musical.

Põe pimenta pra arder, arder, arder!
Sente o gosto do dendê, o iaiá, oyá
Tem acarajé no canjerê
Tem caruru e vatapá (é divino o paladar)
Capoeira vai ferver!
Vem ver! Vem ver!
Abre a roda que ioiô quer dançar... Sambar
Traz maracatu, maculelê
É festa até o sol raiar (IMPERATRIZ LEOPOLDINENSE, 2015).

Ao fim, convoca a todos a lutar contra o preconceito, o racismo. “Vamos louvar o canto da massa/Unindo as raças pelo respeito/Vamos à luta pelos direitos/Uma ‘banana’ para o preconceito” (IMPERATRIZ LEOPOLDINENSE, 2015). Pois, é carnaval, a multidão de todo tipo de gente, com as mais variadas intenções, como desde o início representavam os ranchos, os cordões e os blocos. Evidente que o convite à luta no carnaval não resultará numa tomada de consciência revolucionária, porém constituirá um tipo de agenciamento como processo de subjetivação, como um dizer novo que marca uma novidade contra-maquínica na máquina despótica racista.

Xingu, O Clamor que vem da floresta da Imperatriz Leopoldinense de 2017, mais uma vez afirma esse coletivo indissolúvel. Os povos da terra, vilipendiados desde os momentos mais iniciais da invasão europeia ao continente, - “Sou o filho esquecido do mundo/Minha cor é vermelha de dor/O meu canto é bravo e forte/Mas é hino de paz e amor!” (IMPERATRIZ LEOPOLDINENSE, 2017), aparecem neste samba como portadores de uma cultura genuína, própria, sem nenhuma dívida com relação a quaisquer outras culturas. Com sua música, sua arte, mas principalmente sua relação menos conflituosa com a natureza, os povos indígenas da

Amazônia tem algo a dizer ao mundo, quando o mundo sucumbe diante da intensificação da poluição de todos os tipos desde a Primeira Revolução Industrial (séc. XVIII). “Salve o verde do Xingu, a esperança/A semente do amanhã, herança/O clamor da natureza a nossa voz vai ecoar/Preservar!” (IMPERATRIZ LEOPOLDINENSE, 2017). A atividade predatória capitalista aparece como cobiça dos homens de negócio, do ciclo de destruição na floresta equatorial: desmatamento ilegal para o tráfico de madeira, pecuária de gado bovino para eliminar os últimos resquícios de vegetação, monocultura de soja e processo de desertificação do solo.

Brilhou a coroa na luz do luar!
Nos troncos a eternidade a reza e a magia do pajé!
Na aldeia com flautas e maracás
Kuarup é festa, louvor em rituais
Na floresta, harmonia, a vida a brotar
Sinfonia de cores e cantos no ar
O paraíso fez aqui o seu lugar
Jardim sagrado, o caraíba descobriu
Sangra o coração do meu Brasil
O belo monstro rouba as terras dos seus filhos
Devora as matas e seca os rios
Tanta riqueza que a cobiça destruiu! (IMPERATRIZ LEOPOLDINENSE, 2017)

A história não é neutra, sua posição é sempre política. E a história construída nos livros didáticos escolares são formulações acompanhadas de perto pelo Estado, já que ele faz uso dela para construir um determinado sentido de nação. Portanto, durante muito tempo, seja entre os historiadores acadêmicos ou entre os historiadores de ofício escolar, se contou que a mudança da mão de obra escrava indígena pela mão de obra africana deu-se porque os africanos eram mais dóceis em detrimento dos povos indígenas. Nenhum povo aceitou a submissão a escravidão, sempre houve resistência, seja por parte dos povos indígenas, seja dos povos negros. No caso dos povos indígenas, as táticas de luta vão desde a guerra direta à assimilação cultural de elementos europeus sincretizando-se aos elementos locais. “Kararaô, Kararaô, o índio luta pela sua terra/Da Imperatriz vem o seu grito de guerra!” (IMPERATRIZ LEOPOLDINENSE, 2017). Mas a luta persistiu e persiste como reivindicação de povos espoliados de sua própria terra, de suas religiões, de sua memória. A liberdade de povos livres jamais seria suprimida tão facilmente. E, talvez, a liberdade dos povos indígenas e o seu modo de lidar com o trabalho e a acumulação de riqueza sejam os ingredientes mais agressivos à inveja do europeu. Porque a riqueza que o europeu acumula não o torna livre, mas escravo. Quanto mais esforço, mais trabalho, e mais dinheiro, mais escravo ele é. Enquanto os indígenas não tem riqueza nenhuma, ao menos ao olhar míope do branco, e são livres. Liberdade também, curiosamente, que não é

individual, mas coletiva. A força dos povos originários não está no indivíduo, mas no grupo. Para a cultura europeia isto é completamente incoerente e sem sentido.

Sou guerreiro imortal derradeiro
Deste chão o senhor verdadeiro
Semente eu sou a primeira
Da pura alma brasileira!

Jamais se curvar, lutar e aprender
Escuta menino, Raoni ensinou
Liberdade é o nosso destino
Memória sagrada, razão de viver
Andar onde ninguém andou
Chegar aonde ninguém chegou
Lembrar a coragem e o amor dos irmãos
E outros heróis guardiões
Aventuras de fé e paixão
O sonho de integrar uma nação (IMPERATRIZ LEOPOLDINENSE, 2017).

O último tópico para uma consolidação do samba como literatura menor é ser estrangeiro em sua própria língua. Ou seja, desta língua portuguesa, branca, colonizadora, incorporar palavras, trejeitos, não ditos, ditos em desacordo com a norma culta, para avacalhar a sua seriedade fingida e soberba, hipocritamente consolidada como uma imposição castradora às línguas indígenas e africanas. Em *História Pra Ninar Gente Grande*, a tradicionalíssima Mangueira, em 2019, se dedicou a contar a história que não contaram. Ou usando os termos deste trabalho, fazer uma genealogia da história, porque a história está a serviço do Estado. Assim, já no refrão, os seus grandes ídolos, heróis da história do samba, representantes gigantes da visibilidade do povo negro, dão o tom ao enredo para desmentir o discurso hegemônico. “Mangueira, tira a poeira dos porões/Ô, abre alas pros teus heróis de barracões/Dos Brasis que se faz um país de Lecis, jamelões/São verde e rosa, as multidões(2x)” (MANGUEIRA, 2019).

A Mangueira denuncia as invasões e o discurso odioso de “descoberta” do Brasil que apaga a história de milhões de pessoas que habitavam o continente, com seus grandes impérios e civilizações. Fala de resistência e da construção de um país a partir de uma terra sulcada de sangue inocente. Berra por uma imagem brasileira mais justa e menos mentirosa. O comprometimento ético do historiador com uma genealogia das lutas é insipiente, pois o historiador ainda é um moderno, bem-comportado e europeizado, que como escravo da verdade é um bom mentiroso quando constrói seus sofismas sobre a anuência dos séculos.

Brasil, meu nego
Deixa eu te contar
A história que a história não conta
O avesso do mesmo lugar
Na luta é que a gente se encontra

Brasil, meu denço
A Mangueira chegou
Com versos que o livro apagou
Desde 1500 tem mais invasão do que descobrimento
Tem sangue retinto pisado
Atrás do herói emoldurado
Mulheres, tamoios, mulatos
Eu quero um país que não está no retrato (MANGUEIRA, 2019).

Por fim, a canção retoma os nomes e eventos de luta impactantes da História do Brasil, marcado por Dandara. O texto remete a ela como heroína, que trás no seu movimento rebelde, as características da mulher brasileira. Muito mais que, por exemplo, a princesa Isabel ou Carlota Joaquina, imortalizadas por novelas, romances e pelo cinema. Isto se deve a um silenciamento promovido tanto pela historiografia branca masculina luso colonial quanto império brasileira. A estratégia de esconder Palmares da língua hegemônica, assim como os levantes populares de independência do Brasil, como a deixar valer a farsa heroica de D. Pedro I, servem a manutenção da ordem. A criação de um estado-nação pós-1822, fazia parte da tática do D. Pedro português para a consolidação da monarquia absolutista em total desalinho aos encaminhamentos do resto da América e do mundo. Outrossim, o samba com suas estrofes bem posicionadas consegue auferir um voo longo instalando como memória do povo as resistências até os dias atuais, colocando no mesmo poema primeiro Dandara, depois Marielle, como a remeter ao passado de lutas, mas também ao presente que persevera na sua violência contra as mulheres pretas, politizadas e guerreiras.

Brasil, o teu nome é Dandara
E a tua cara é de cariri
Não veio do céu
Nem das mãos de Isabel
A liberdade é um dragão no mar de Aracati

Salve os caboclos de julho
Quem foi de aço nos anos de chumbo
Brasil, chegou a vez
De ouvir as Marias, Mahins, Marielles, malês (MANGUEIRA, 2019).

Os donos da rua, um jeitinho brasileiro de ser do Porto da Pedra de 2003, recupera a imagem do malandro, da boemia, das linguagens contra o trabalho. O trabalho como mordança do capital, que inflige um modo de vida impedidor de criações genuinamente singulares, poder disciplinar, é alvo de crítica. Não abertamente como fariam os marxistas mais disciplinados,

mas sutilmente. Jeitinho brasileiro como seu jeitinho próprio de (re)existir. Os negros são donos da rua, como moradores das ruas, como trabalhadores das ruas, como poetas, artistas, boêmios. Essa multidão preta toma a sapucaí, é carnaval. É pra dançar, para sorrir, se divertir! Na festa dos pretos da rua, a rua é o palco que transfigura a dor pela redenção arrebatadora dos tambores de Exu.

Eu sou Porto da Pedra
Eu sou Porto da Pedra
Faço anjo sambar!
Eu quero é mais!
Quero ser querubium
Vem pra noite brincar
Vem, que o bicho vai pegar!

Lá vou eu
Sou bom malandro e sou fã da liberdade
Lá vou eu
Sou o tigrão, eu sou o dono da cidade!
Cada selva tem um rei
Cada rei tem sua lei
O Brasil é uma estrada
Nas esquinas da ilusão
Nas ruas do meu coração
Oi! saravá, meu pai Ogum, eu peço axé!
Me dá licença, meu senhor, eu vou na fé
A rua é negra
Como é negra a escravidão
Vou seguindo o meu caminho
Vou “lavando” a solidão (PORTO DA PEDRA, 2003).

Nesta profusão agenciadora de gentes, vendedores ambulantes misturam-se aos foliões, gente abastada com gente pobre, numa cidade linda, uma cidade que enfrenta grandes desafios, desde as políticas higienistas até as Olimpíadas e a Copa do Mundo como cartões postais de uma beleza fabricada. “É muito fácil falar de coisas tão belas/ De frente pro mar, mas de costas pra favela” (PLANET HEMP, 1997)². A cidade maravilhosa, a cosmopolita cidade de uma cultura como intensidades, de um canto a outro da cidade, a música extrapola todo o silêncio que se quiser fazer. Porque mesmo o silêncio que as elites da zona sul pretendem impor ao norte, há uma melodia insurgente, o tempo todo sonante a impedir o silêncio do racismo, do caos urbano, da falta de acessibilidade, da poluição. O samba é um dos primeiros a subverter a ordem branca pelo som dos atabaques de terreiros, postos nas ruas em épocas de festas desde as casas de bamba. Mas o *rap*, o movimento hip-hop, o *funk*, também escancaram a ferida aberta dos problemas crônicos da cidade e do Brasil.

² PLANET HEMP. **Zerovinteum**. Rio de Janeiro: Sony, 1997. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=P02RJyA8vLY>.

Quem vai, quem vai, quem vai querer! (bis)
Tem ouro, prata e cristal
Quem tem garrafa pra vender
Tem tudo pra ficar legal!

Na avenida central, passo a passo, sorri
Vi meu rio feliz, eu vi paris
Vi sujeira, vi ratos, ratoeiras
Hoje, vou pra Lapa detonar
Vou pra Lapa grafitar
Minha tribo rasga o pano!
Sou profano, mas olho lá pro céu
Nas ruas de Babel
Peço a deus pra me ajudar! (PORTO DA PEDRA, 2003)³

Por tudo isto, o samba é literatura menor, profusão de agenciamentos, genealogia da história, poesia marginal. Na sua marginalidade como língua estrangeira, como cantoria das vozes de terreiro, é capturada como produto a ser comercializado pelas Secretarias de Cultura e pelos homens de negócios do setor privado. Mas se o rizoma é a imagem que consegue realizar o maior número de conexões de uma multiplicidade não estrutural não maquina, então a espetacularização do samba não inviabiliza sua criação como subversão e literatura menor.

3.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Utilizamos dos conceitos da filosofia da diferença de Deleuze e Guattari para definir literatura menor, assim como seus apontamentos sobre multiplicidade e crítica a uma modernidade dualista. Buscamos ainda Foucault para dar um outro sentido a a história a partir de suas discussões, primeiro sobre uma *Arqueologia do Saber* e, depois, uma genealogia da história. Isto porque pretendíamos verificar pela leitura audição de alguns sambas enredos se seu conteúdo inscreve-se na literatura brasileira como literatura menor. Já que o cânone, talvez tenha alguma dificuldade de assimilar o samba como arte poética.

Acreditamos ter alcançado nosso objetivo principal. Mas o estudo merece uma dedicação mais robusta num tipo de texto que comporte uma escrita mais demorada e longa. Com isso se conseguiria ler os atributos de uma literatura menor e associá-los a um número de sambas maior dando maior consistência ao argumento.

³ PORTO DA PEDRA. **Os donos da rua, um jeitinho brasileiro de ser**. São Gonçalo: 2003. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Li99nSryFMM>.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka**: por uma literatura menor. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

FOUCAULT, Michel. **Em Defesa da Sociedade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2004.

IMPÉRIO DA TIJUCA. **Batuk**. Composição: Alexandre Alegria, Karine Santos, Marcio André, Rono Maia, Tatá, Vaguinho. Rio de Janeiro: 2014. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=iOa_bjhavE0

IMPERATRIZ LEOPOLDINENSE. **Axé Nkenda**. Adriano Ganso, Aldir Senna, Jorge Do Finge, Marquinho Lessa, Zé Katimba. Rio de Janeiro: 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6XpkAeVqHUM>

IMPERATRIZ LEOPOLDINENSE. **Xingu, O Clamor Que Vem da Floresta**. Composição: Adriano Ganso, Aldir Senna, Jorge Do Finge, Moisés Santiago. Rio de Janeiro: 2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=OMCUKVkYE_Y

MANGUEIRA. **História Pra Ninar Gente Grande**. Composição: Danilo Firmino, Deivid Domênico, Mamá, Márcio Bola, Ronie Oliveira, Tomaz Miranda. Rio de Janeiro: 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Fbeto2Xqj_I

PLANET HEMP. **Zerovinteum**. Rio de Janeiro: Sony, 1997. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=P02RJyA8vLY>.

PORTO DA PEDRA. **Os donos da rua, um jeitinho brasileiro de ser**. São Gonçalo: 2003. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Li99nSryFMM>.

UNIÃO DA ILHA DO GOVERNADOR. **Fatumbi Ilha de Todos Os Santos**. Composição: Almir Da Ilha, Marcio André, Mauricio 100. Rio de Janeiro: 1998. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=htZAXgWW2vY>.

MINI CURRÍCULO E CONTRIBUIÇÕES AUTORES

TÍTULO DO ARTIGO	HISTÓRIA, GENEALOGIA E LITERATURA MENOR: SAMBA COMO UM CANTO DISSIDENTE
RECEBIDO	12/06/2022
AVALIADO	05/07/2022
ACEITO	05/07/2022

AUTOR 1	
PRONOME DE TRATAMENTO	Sra.
NOME COMPLETO	Thalita Farias Oliveira
INSTITUIÇÃO/AFILIAÇÃO	Universidade Federal do Espírito Santo - UFES
CIDADE	Vitória
ESTADO	Espírito Santos
PAÍS	Brasil
PAÍS	http://lattes.cnpq.br/8387997072586001
LINK LATTES	https://orcid.org/0000-0003-4872-0368
RESUMO DA BIOGRAFIA	Bacharela em Enfermagem e Obstetrícia (UFES) e especialista em Saúde Coletiva(ICEPI-ES).
AUTOR 2	
PRONOME DE TRATAMENTO	Dr.
NOME COMPLETO	Wesley de Jesus Barbosa
INSTITUIÇÃO	Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e Universidade Federal Fluminense (UFF)
CIDADE	Vitória e Niterói
ESTADO	Espírito Santo e Rio de Janeiro
PAÍS	Brasil
PAÍS	http://lattes.cnpq.br/5218922065137427
LINK LATTES	https://orcid.org/0000-0001-8766-6670
RESUMO DA BIOGRAFIA	Licenciado em História e Bacharel em Psicologia pela UFES. Mestre em Filosofia (PPGFIL-UFES). Doutorando em Filosofia (PPGFIL-UFES) e doutorando em Psicologia (PPGP-UFF).
CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES NO ARTIGO	Todos os autores contribuíram na mesma proporção.

Endereço de Correspondência dos autores	de Autor 1: thalitafarias95@outlook.com Autor 2: wesleydejesusbarbosa1980@gmail.com
---	---